



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS VILAS DO NORTE DE PORTUGAL.

SAMPAIO, Alberto

Ano: 1893 | Número: 10

Como citar este documento:

SAMPAIO, Alberto, As Vilas do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, 10 (3) Jul.-Set. 1893, p. 161-176.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AS VILLAS NO NORTE DE PORTUGAL ¹

ESTUDO SOBRE A PROPRIEDADE
NO TEMPO DOS ROMANOS E POVOS GERMANICOS

(Fragmento)

ADVERTENCIA PRELIMINAR

.....
.....
..... Pelo contrario os romanos, estabelecendo-se no paiz, por meio das suas instituições que impozeram aos vencidos, *romanizaram-nos*, como se costuma dizer.

Este periodo é um dos mais decisivos da historia peninsular: fôrma-se n'elle definitivamente a sociedade civil, os costumes e a propria lingua — transformação profunda com tantas faces, como a mesma vida. Do amplo circulo porém que ella abrange, occupar-se-ha o presente estudo sómente do regime rural: esta secção é todavia do maior interesse; a agricultura foi o trabalho que na antiguidade mais prendeu a actividade humana; com ella está intimamente ligada a propriedade que tem sido a base fundamental das sociedades do occidente.

¹ O fragmento, que vai seguir-se, não é mais que o desenvolvimento d'uma pequena parte do trabalho que, sob este mesmo titulo, publiquei abreviadamente em abril e maio de 1892, na *Revista de Portugal*.

Se deixarmos de lado este periodo e começarmos no seculo VIII quando, após a invasão sarracena, se organisa, em virtude das campanhas dos reis asturiano-leonezes, a Espanha medieval, partir-se-ha a filiação historica, e factos da maior importancia não poderão jámais ser comprehendidos. Do imperio-romano sahiu a Edade-média, d'esta o mundo moderno. As instituições modificam-se, alargam-se e desenvolvem-se, mas de grau em grau, mediante a experiencia que a humanidade vai adquirindo, e o poder progressivo que ellas continham. Grande numero de costumes, senão a maior parte, tem raizes n'esse fundo antigo, sobre o qual passaram já dezenas de seculos. Umás e outras nunca se poderão explicar sem remontar pelo menos á sua origem mais proxima. Infelizmente densas trevas cobrem a vida rural; d'ella não se têm preocupado os historiadores, attrahidos pela historia politica e da administração. Por isso o estudo actual não é mais que uma tentativa: tamanhas são as difficuldades e tão limitados os recursos do auctor.

Mas, sendo tambem certo que antes do advento dos romanos, havia aqui uma população, de modo nenhum pouca basta, convem colligir, antes de entrarmos precisamente no nosso assumpto, todas as informações possiveis d'essa sociedade pre-historica, que succumbiu ás armas de Augusto.

I

As Cidades

Dos antigos habitantes, subjugados com tanto custo, restam-nos sómente escassas e fugitivas noticias. O norte da península era o cabo do mundo: «para lá chegar por terra ou por mar é necessario transpôr uma grande distancia» — diz Strabo ¹; e depois da sujeição aos romanos, posto que fosse frequentemente visitado por elles ², não nos deixaram esses viajantes descripções de que se possa extrahir um quadro com-

¹ *Geogr.*, l. III, c. III, n.º 8, trad. d'Am. Tardieu.

² *Ibid.*

pleto, anterior á sua occupação; nem os escriptores classicos precisam os factos que desejamos conhecer. Não temos nada comparavel á Germania de Tacito, nem Augusto ou os seus generaes escreveram d'esta conquista, como Cesar da Guerra Gauleza. A narração do geographo grego está tambem muito longe de ser sufficiente; exceptuada uma ou outra indicação mais caracteristica, carece dos detalhes indispensaveis para se fazer uma idéa clara da vida d'essa gente; pois os costumes são sempre referidos por elle d'um modo tão vago, como se a descripção fosse formulada sobre indicações genericas.

Segundo o recenseamento estatístico, feito por Agrippa, no tempo de Augusto, e sobre o qual Plínio baseou a sua exposição ¹, sabemos que na *Hispania Terraconensis* existia ainda n'essa época em pleno vigor a constituição cantonal. O auctor da *Naturalis Historia* começa a descripção da provincia, dizendo que estava repartida em sete *conventus*, circumscripções juridico-administrativas; depois de os designar accrescenta immediatamente — « *accedunt insulæ, quarum mentione seposita civitates provincia ipsa præter contributas aliis CCXCIII continet, oppida CLXXVIII, in iis colonias XII, oppida civium Romanorum XIII, Latinorum veterum XVIII, fœderatorum unum, stipendiaria CXXXV* » ². D'esta exposição deduz-se que havia duas distribuições da população; uma, a que podemos chamar divisão official, como hoje diríamos, — a dos *conventus*, introduzida pelos conquistadores para facilitar o governo d'essa extensa região que vinha desde o Mediterraneo e Pyreneus até á Foz do Douro no occidente; outra, que persistia por baixo d'ella, a antiga, formada no decorrer de seculos, em consequencia quer de guerras internas ou de afinidades ethnicas, representada nas *civitates* e *oppida*, e que subsequentemente se foi delindando, até que desapareceu, fundindo-se nos sete districtos romanos. Convem portanto examinar, como devemos entender estes dois termos.

Postas de lado as significações, que não nos interessam agora, « *civitas*, diz Marquardt ³, segundo a sua noção juri-

¹ J. Marquardt, *Römische Staatsverwaltung*, I, pag. 18. Leipzig, 1873.

² Texto revisto por Detlefsen, J. Marquardt, *obr. cit.*, I, pag. 104.

³ *Obr. cit.*, I, pag. 28, not. 4; cf. pag. 4, 18, 30, 41, 62, 117, etc.

dica é uma communa politicamente independente » ; e a passagem de Plinio, acima transcripta, é por elle interpretada assim ¹ — « na provincia terraconense, não contando as ilhas, havia 293 *civitates* autonomas, a saber, 179 *communas urbanas (oppida)*, das quaes 12 eram *coloniae*, 13 *oppida civium Romanorum*, 18 *oppida com ius Latii*, 1 *urbs foederata*, 135 *civitates stipendiariae*, e 114 *communas sem oppidum*. Esta interpretação resalta da propria narração de Plinio. Na descrição detalhada dos *conventus*, *civitas* é empregada juntamente com *populus* e uma vez referindo-se a « cidade » escreve *urbs* : do *conventus* de Astorga dependiam 22 *populi*, diferenciados em *Augustanos* e *Transmontanos* ; Astorga era uma cidade magnifica — « Asturica urbe magnifica » : o *conventus* de Lugo comprehendia 16 *populi* além dos *Cellicos* e dos *Lebunos* ; o de Braga 24 *civitates*, das quaes, para não causar *fastidium* aos leitores, nomeia sómente os *Bibali*, *Celerini*, *Gallaeci*, *Hequeteci*, *Limici*, *Querquerni*.

As *civitates* eram pois nucleos de população, pequenos povos com organização politica autonoma, cujo numero aproximado é relatado no detalhe de cada districto. Ellas cobriam toda a provincia e por ellas se repartiam os seus habitantes. Ora possuiam um *oppidum*, como centro de governo, de defeza e de habitação, além do seu territorio ; ora viveriam em logares cobertos ou casas dispersas dentro dos limites d'este ; as ultimas estariam mais atrazadas, emquanto que para aquellas despontava já a aurora da vida urbana. Cada *conventus* abrangia muitas d'essas pequenas nações : o de Braga, como acabamos de vêr, comprehendia uma área, na qual assistiam 24 *civitates*, *populi*.

Quando tinham um *oppidum*, naturalmente esse logar, onde se concentrava a vida da população, representava toda a *civitas* ; não admira por isso que, depois da conquista, elle a denominasse, segundo os diversos regimes que foram impostos — diversidade proveniente da maior ou menor resistencia aos conquistadores, da maior ou menor facilidade com que receberam o seu governo.

Vejamos agora o que devemos entender por *oppidum*. Se d'uma maneira geral este termo designava ás vezes *municipia*, *coloniae*, *praefecturae* ², tinha comtudo uma significação

¹ *Obr. cit.*, pag. 104-105.

² J. Marquardt, *obr. cit.*, I, pag. 6.

precisa; era uma praça forte, habitada, maior que o *castellum*, defendida quer pela posição, quer por obras de arte, fossos, muros, baluartes, etc. ¹ *Oppidum*, como mostram as ruínas ultimamente exploradas, designava com justeza essas povoações fortificadas que tamanho obstaculo puzeram á redução definitiva do paiz; effectuada esta, ficaram sujeitas áquelles cinco regimes diversos.

Sabemos portanto que a população se repartia em grupos distinctos — *civitates*. Quando possuíam logares fortificados — *oppida*, estes serviam quer para defeza, como para principal habitação; sobre este ponto não pôde haver duvida; se fossem simples refugios, passada a aggressão, ficariam abandonados, e em tal caso não podiam prestar a denominação ás differentes situações.

Mas se a autonomia d'esses povos minusculos e obscuros desapareceu para sempre, restando das *civitates* apenas uma vaga memoria em poucos escriptores antigos, não assim as ruínas dos *oppida*, conhecidas ainda hoje tradicionalmente por *cidades*, *citánias*, *castros* ou *crastos*. A primeira palavra seria logo no principio da formação do neo-dialecto a traducção de *civitas*; perdendo o sentido abstracto subsequentemente, quando cessou a organização primitiva da sociedade, ficou todavia subsistindo para designar esses povoados, onde os naturaes continuaram a residir por muito tempo, como a *cividade* de Bagunte, a *civitas* albarelhos... ² A segunda é para nós de origem desconhecida. As ultimas duas são derivadas de *castrum*, que substituiu a antiga *dun* ³, como se deprehende do nome d'uma povoação com este suffixo — Caladuno ⁴.

¹ Rudorff, *Die Schriften der Römischen Feldmesser*, II, pag. 293-294.

² *Port. Mon. Hist.*, vol. I, D. et Ch., doc. xvi.

³ « Le système défensif des Gaulois se complétait... par de petites citadelles... Elles étaient les postes avancés et comme les sentinelles de l'oppidum... c'est ce que César appelait des châteaux, et ce que nous appelons ici le *Dunum*... On le reconnaît particulièrement sur les sommets que conservent encore aujourd'hui le nom gaëlique de Dun ». — Bulliot et Roidot, *La Cité Gauloise*, pag. 148-149 e seg. = « If the residence of the Briton was on a plain, it was called Laun... If on an eminence, it was termed Dun, the origin of the Latin *dunum*... » — James Logan, *Scottish Gaël or Celtic Manners*, vol. II, pag. 5.

⁴ Argot, *De Antiquit. Conv. Bracaraug.*, pag. 122.

Deve-se ao snr. Francisco Martins Sarmiento o conhecimento systematico d'estas antigas residencias no tracto entre os rios Minho e Douro; pelas suas admiraveis explorações em Briteiros e Sabroso, pela determinação de grande quantidade de ruinas similares no mesmo territorio, com a sua sabia critica de larga envergadura, desvendou-se o véo mysterioso, que as cobriu durante seculos.

Graças aos seus trabalhos, sabemos hoje, que essas fortificações cobriam bom numero dos cimos montanhosos entre os dois rios, como as citanias de Briteiros, S. Fins de Ferreira, Monte da Saia, a cidade de Bagunte... com os seus castros — Sabroso, Capello-Vermelho...

Não só era assim ao sul do Minho, mas tambem ao norte. Tuy fôra primitivamente uma citania: « começou, diz Florez ¹, como outras cidades antigas no alto da montanha. Depois baixou á fralda... e foi o rei D. Fernando que no anno de 1170 a collocou no sitio actual ». No Viso, perto das nascentes do Lima, ha uma planura chamada *la ciudad*, onde esteve a cidade dos Limicos, — uma das *civitates* do *conventus* de Braga, como já vimos. Encontram-se ahi sepulturas, inscrições, pedras lavradas, tijolos... ² A antiga Britonia era igualmente situada sobre uma ampla montanha, restando d'ella no seculo passado um logar de 120 moradores ³. Perto de Vigo n'um monte sobranceiro á enseada, onde está hoje um posto fiscal, vêem-se as ruinas d'uma citania, que pareceram ao snr. Sarmiento exactamente identicas ás do sul do rio Minho; e Numancia, para não citar mais que este oppido famoso, era tambem situada n'um alto, sobre as margens escarpadas do Douro ⁴.

Se nos é permittido sahir por um momento da Terraconense, veremos que semelhantes construcções cobriam n'esta época na Europa occidental os cerros montanhosos. Na Irlanda ainda hoje são visiveis as ruinas d'ellas, tão parecidas com as de cá, avaliando pelas photographias e gravuras da obra

¹ *España Sagrada*, tom. xxii, pag. 9, n.ºs 26-27; cf. pag. 4 e seg., e pag. 93.

² *Ibid.*, tom. xvii, pag. 12.

³ *Ibid.*, tom. xviii, pag. 6-8.

⁴ Appiano, *De Reb. Hisp.*, l. vi, 76 e 91, etc., ed. Didot; Oro-sio, l. v, 7.

monumental do conde de Dunraven ¹; na Escocia e Britania acontecia o mesmo ²; na Gallia os *oppida* occupavam geralmente situação igual. Pelo mesmo periodo de civilisação tinham já passado os povos das duas peninsulas mediterraneas ³; e na Italia conservava-se ainda essa tradição no tempo de Hyginio; diz este escriptor ⁴ — « Antiqui enim propter subita bellorum pericula non solum erant urbes contenti cingere muris, verum etiam loca aspera et confragosa saxis eligebant, ubi illis amplissimum propugnaculum esset ». Finalmente Mr. H. Martin exprime a sua impressão a respeito das ruinas de Briteiros nas seguintes palavras — « Il me parait probable que Citania a été fondée par les Celtes ou Gaulois primitifs de la Galice » ⁵.

Era facil augmentar á vontade esta rapida digressão; ella basta comtudo para podermos presumir que uma mesma raça em tempos pre-historicos habitava a Europa occidental e meridional, sobrevivendo em alguns sitios essas rudes fortificações, como monumentos d'uma primitiva civilisação; mas os povos que estavam em situação geographica mais vantajosa, como os Italiotas e Gregos nas duas peninsulas do Mediterraneo, progrediram mais depressa. Cesar entrando na Gallia e Britannia tinha diante dos olhos uma sociedade archaica, analoga á que os legados de Augusto venceram aqui.

D'esse viver antigo restavam no noroeste da Espanha no principio do Imperio as *civitates* e os *oppida*. Segundo revelam as explorações das ruinas d'alguns d'estes — Briteiros e Sabroso, cingiam-nos duas ou tres ordens de grossas muralhas de pedraria, de cuja construcção se pôde fazer idéa por um panno ainda intacto no ultimo. As casas geralmente redondas, algumas quadradas, tinham um só compartimento, com o lar provavelmente ao meio. As pedras talhadas eram assentadas a secco; pois o uso da argamassa desconhecia-se aqui, como em todas as construcções do mundo chamado *celta*. Posto que uma ou outra vez se vejam arruamentos, as edificações affectam comtudo uma disposição particular; juntam-se em gru-

¹ *Notes on Irish Architecture.*

² J. Logan, *obr. cit.*, passim e especialmente 1, pag. 376-377.

³ J. Marquardt, *obr. cit.*, pag. 3-4 e 15.

⁴ *Die Schr. der Röm. Feldmesser*, 1, pag. 179.

⁵ *Revue Archeologique*, 1880, n.º xi.

pos — *bairros* de poucas casas, com um pateo commum ladrilhado, não raramente em xadrez ou quinconce. A pouca distancia dos oppidos grandes é vulgar verem-se restos, salvos por não terem serventia, d'outros mais pequenos, muitos dos quaes são ainda hoje denominados *crastos* na linguagem popular. Eram os *duns* de que já fallamos; — « *subtus civitas albarellos et castro de boue* », diz o D. 16 ¹. N'este systema de fortificações os pequenos logares-fortes auxiliavam aquelles, e de tal modo se dispunham todos, que o paiz apresentava-se como revestido de enormes couraças. Era assim tambem nas outras terras já ditas ². SABROSO, pensa o snr. Sarmento, não seria mais que um *dun* de Briteiros. Subjugado o territorio, o castro perdera todo o valor, e talvez a população fosse obrigada a alojar-se na sua citania. CAPELLO-VERMELHO, por explorar, com certeza um *dun* da citania de S. FINS, tambem não explorada, localisava-se maravilhosamente, como sentinella a N., E. e W. A disposição das casas em Sabroso é todavia a mesma.

Quando hoje se observam as ruinas que se succedem a cada passo, muitas vezes onde menos se esperam, não se pôde deixar de notar que a relação de Plinio menciona apenas um pequeno numero dos *oppida* que deviam ter existido; deixando ainda de lado os *duns*, elle é sempre extremamente exiguo. Era facil comtudo um erro n'este ponto, que aliás, por ser meramente accessorio, não invalida o facto principal.

Mas os *oppida* seriam por toda a parte de população fixa? Estes povos, no momento da conquista, achavam-se ainda n'um grau inferior de civilisação para viverem em *urbes*, como os italianos e gregos. O material commumente preferido para as habitações era a madeira — troncos de arvores, ramos, verga, com revestimento de barro, e os tectos de cannas, colmo ou outras quaesquer plantas. Em Sabroso, o snr. Sarmento, relacionando o pequeno numero de casas de pedra com o perimetro das fortificações, pensa que havia muitas d'aquellas. Conheciam elles comtudo a arte de construir com pedra, o que é indubitavel em face das nossas ruinas, e das dos outros paizes citados; d'estes, as da Irlanda e da Escocia não nos po-

¹ *Port. Mon. Hist.*, D. et Ch.

² *La Cité Gauloise*, pag. 148 e seg.

dem deixar a menor hesitação: na *Cité de Limés*, os auctores da *Cité Gauloise*, apesar de sustentarem uma these contraria, mencionam ¹ vestigios de casas redondas: e segundo a interpretação dada pelo snr. D'Arbois de Jubainville ² ás differentes passagens da obra de Cesar, os *oppida* da Gallia eram defendidos por grossas muralhas de pedra, dentro das quaes havia casas e uma população fixa, emquanto que os da Britannia eram sómente logares de refugio, no meio de florestas tornadas inacessiveis pelos vallos e fossos com que os cercavam. Fallando d'esta ultima diz comtudo James Logan ³ — «Póde-se presumir com segurança que as fundações da cabana primitiva fossem de pedra em todos os sitios da ilha, onde ella abundava. Pequenos *vestigia* circulares vêem-se geralmente nos *muirs* da Escocia, que são com certeza os restos das cabanas celtas. Encontram-se algumas vezes em numero consideravel e frequentemente apparecem dentro da área das fortificações». Não é de estranhar pois que, conservando o mesmo typo architectural, empregassem cá a pedra, tanto na construção dos muros de defeza, como nas proprias habitações; o emprego d'este material provinha não principalmente da abundancia, mas da facilidade de o manejar, o que indica maior progresso, bem visivel nas numerosas povoações fortificadas e portanto na fixidez da residencia.

Esta póde considerar-se entre nós, como um facto realisado, quando chegaram os romanos. As habitações sendo de pedra, pelo menos em grande parte, a sua distribuição especial, a designação de *cividade* dos oppidos de Bagunte e Alvarelhos, e os diversos regimes d'estes, anteriormente referidos — tudo nos indica uma população permanente. Se acontecesse o contrario, não seria preciso talhar as pedras e assental-as com tanto cuidado, nem o operario poria ahí todo o seu saber e gosto artistico; não teriam motivo os moradores de fazerem gravar inscrições relativas aos seus casebres, dispôl-os d'um modo especial, nem adoptar a telha de rebordo que se vê em muitas ruinas, faltando todavia em outras, onde a cobertura teria continuado a ser de colmo ou de quaesquer plantas.

¹ *Obr. cit.*, pag. 25.

² *Recherches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieux habités en France*, pag. 79-81.

³ *Obr. cit.*, II, pag. 6-7.

Não é de crêr que os conquistadores introduzissem nos oppidos transformações fundamentaes. O typo das construcções citanianas nada tem de romano; exceptuada a telha, nenhuma alteração mais é observavel n'este ponto; a acção d'elles insistia na criação das cidades abertas — *urbes*, convenientemente localisadas, como eram já no tempo de Plinio as capitães dos *conventus*. Fazer descer a população dos pinaros estava tanto na sua politica, como nos habitos da sua sociedade; passar-se-hiam todavia largos tempos antes que tão notavel acontecimento se realisasse por completo; n'esse intermedio os homens que continuavam a viver lá, introduziram um ou outro aperfeiçoamento accidental, como a telha de rebordo, e compraram nos *emporía* os objectos de adorno, importados pelos negociantes estrangeiros; mas os seus povoados, emquanto duraram, continuaram a ser no fundo o que tinham sido.

Além dos oppidos, é provavel que as cidades possuissem em sitios opportunos, dentro do seu territorio, logares abertos e casas dispersas, como os *vici* e *ædificia* da Gallia. Dos primeiros faz menção Appiano ¹, contando um episodio militar succedido em certo *vicus*, pertencente a Numancia. D'essa natureza talvez fossem as povoações das cidades que não tinham oppido; n'ellas, vista a falta de ruínas, as casas seriam de madeira; em caso de guerra defender-se-iam em entrincheiramentos transitorios, se não se refugiavam antes ás fortificações permanentes de alliados. Mas no verão e em tempo de paz, precisavam todas de abrigos no fundo, quando pastoreavam ahi os gados.

Assim dividido e retalhado em pequenos povos, vivendo cada um sobre si, com a sua politica externa privativa, ora guerreando-se ou alliando-se mutuamente, ora colligando-se com os invasores, o noroeste da Espanha apresenta-nos no principio do imperio uma sociedade muito parecida com a da Gallia e Britania. Precedentemente já fizemos notar a analogia dos oppidos e systema de defeza militar nas tres regiões: quanto á organização social das nossas *civitates*, Plinio é totalmente omisso; servindo-se comtudo d'esta palavra, não tinha grandes explicações a dar. Cesar usára da mesma em relação á Gallia. D'ella se haviam servido outros escriptores e no

¹ *Obr. cit.*, vi, 89.

tempo do nosso basta citar Tacito. Que esse paiz, como a Teraconense, era habitado por populações autonomas ¹, é fóra de duvida; e a identidade da terminologia, empregando os auctores latinos a mesma palavra, é bastante para nos mostrar condições sociaes identicas. Todavia, se considerarmos que no arrançamento interno dos oppidos se devia reflectir a organização das cidades, tiraremos uma illação directa; confrontando os *famuli* de Rhetogenes ², de que adiante fallaremos mais extensamente, com a distribuição das casas em *bairros*, somos obrigados a pensar que eram habitados por homens sujeitos a um superior, ou, se nos é licito exprimir d'outra fórma, por clientelas com os seus patronos; os ultimos formariam então a classe aristocratica, obedecendo ella mesma a um chefe, como o CAMAL das inscripções de Briteiros, que sel-o-ia de toda a cidade, representada por este oppido. A casa n'estas ruinas, cercada de bancos de pedra, que não comportavam muito logares, unica no genero, figura bem o sitio do conselho dos magnates, grosseiro esboço de senado. Se podemos pois presumir que as cidades eram governadas por um chefe (*camal*), assistido por uma nobreza (personificada em *Rhetogenes*) á qual serviam clientes pobres (os *famuli* acima citados) — essa organização assemelha-se extremamente, se não é identica, á das *civitates* gaulezas.

Apesar pois da barbaria, em que se achavam os nossos maiores, atrazados muitos seculos ³ da civilização dos seus conquistadores, immobilizados ainda na chamada de *bronze*, porventura a que trouxeram consigo, quando se estabeleceram aqui, possuíam comtudo certo grau de desenvolvimento, uma organização social posto que primitiva, assim como noções artisticas, segundo demonstram os labores das pedras, os restos de ceramica, e outros objectos, extrahidos dos escombros das citanias. Ao contrarío do que tinha acontecido ás populações das duas peninsulas mediterraneas, o isolamento entorpecera as de cá.

Basta ter em vista a localisação dos povoados para ajuizar, quanto era rude esse teor de vida. Admittindo mesmo, como

¹ J. Marquardt, *obr. cit.*, pag. 48 e 417.

² App. *obr. cit.*, l. vi, 94.

³ Francisco Martins Sarmiento, *Os Argonautas*, c. xii, esp. pag. 267 e seg.

indicamos anteriormente que houvesse construcções nos fundos, ellas não podiam ser muito importantes, ou teriam apenas caracter transitorio. O principal d'ellas estava nos altos e para lá devia convergir toda a actividade. Orosio, referindo-se á campanha de Augusto, deixa-nos a impressão que os exercitos se moviam por entre selvas e montes erriçados de fortificações — « Præterea ultiores Galleciæ partes, quae montibus silisque consistæ oceano terminantur, Antistius & Firmius legati, magnis gravibusque bellis perdomuerunt » ¹. Para opporem tanta difficuldade ao desenvolvimento da campanha, as mattas não podiam estar senão nos valles, onde naturalmente abundavam os pantanos e atoleiros, formados pelas aguas extravasadas na occasião das cheias; e de facto no incidente do vicus numantino, Appiano diz que era — « fere undique limosa palude cinctus » ². Os montes apresentar-se-iam então como ilhas, emergindo d'um mar de arvoredo inextricavel. Em taes circumstancias as culturas annuaes haviam de fazer-se nos altos, onde o amanho era mais facil e o resultado mais seguro, por causa das guerras incessantes. Observa-se o mesmo na Escocia e na Irlanda em periodo identico; são tantos ahi os vestigios da cultura nos cimos, que se julgaria a população mais densa n'essa época, não se reflectindo que as terras baixas estavam abandonadas ás florestas ³.

Nas planuras, portanto, dos montes e outeiros, principalmente perto das citanias e castros, produziam-se os poucos cereaes, que exigia a vida sobretudo pastoral dos nossos antepassados; pois que elles conheciam os grãos panificaveis é fôra de duvida. Strabo ⁴ affirma que bebiam uma especie de cerveja feita de cevada; Orosio ⁵ conta que os Numantinos se prepararam para o supremo ataque contra os soldados de Scipião, ingerindo grande porção de *celiam*, bebida habitual, pelo que se infere do seu dizer, preparada com *succo tritici*, malt de trigo, segundo consta da laconica descripção. Plinio ⁶ diz que na Celtiberia se semeava a cevada em abril e dava duas colheitas por anno.

¹ L. vi, c. xxi.

² Obr. cit., vi, 89.

³ J. Logan, obr. cit., II, pag. 85.

⁴ Geogr., l. III, c. III, n.º 7.

⁵ L. v, c. VII.

⁶ Nat. Hist., l. XVIII, 18, ed. Littré.

Nos montes de Coura, junto dos gigantescos penedos, chamados «Castello da Furna», vêm-se, no meio de terras soltas, paredes antigas, formando vedações continuas. Estes terrenos fechados são conhecidos na localidade pelo nome tradicional de «Campos dos Mouros». A designação toponimica de «mouros» indica aqui sempre uma proveniência pre-romana, tão vaga ficou na memoria do povo a invasão d'elles, confundindo-os com os pagãos. Na vertente norte do monte, onde existem as ruínas da citania de S. Fins de Ferreira, e logo por baixo do *dun* de Capello-Vermelho, a meia encosta, divisam-se, no meio de bouças, muros de suporte, destinados a formarem taboleiros de cultura, hoje cobertos de matto e urze; a tradição perdeu-se a respeito d'estas construcções, mas o seu aspecto indica uma remota antiguidade. Procede talvez d'esta cultura primitiva, que os cimos dos montes, onde ha frequentemente terra muito boa, ficaram desarborisados. Quando a população mudou de habitos e residencia, inverteram-se os termos da economia rural. O que d'antes tinha sido seara passou a pastagem; as pequenas plantas indigenas, herbaceas e arbustivas, resistindo ao dente do gado, conseguiram tapetal-os de verdura; mas a arvore, uma vez arrancada, não mais pôde voltar.

N'uma informação de Strabo¹ temos outra prova que a cultura se limitava aos altos desabrigados: «O vinho é raro... Em vez de azeite servem-se de manteiga» — diz o geographo grego. A vide e a oliveira, exigindo sitios soalheiros, defendidos dos ventos frios, não podiam prosperar nas montanhas. Tal é a razão da raridade do primeiro producto e da falta do segundo.

N'este estado a sua vida agricola era com certeza muito limitada. As melhores terras estavam abandonadas, e as casas, segundo mostram as ruínas exploradas pelo sr. Sarmento, não comportavam os celeiros, necessarios a uma lavoura de grande produção. Pequenos compartimentos junto d'ellas, com argolas de pedra, fazem suspeitar que os animaes domesticos predominantes, ou pelo menos aquelles que eram a propriedade dos pobres, fossem de pequena estatura — gado miúdo. Os grandes recolher-se-iam entre as duas ordens de muralhas, se é que de costume não estacionavam fóra, e em caso

¹ *Obr. cit.*, l. III, c. III, n.º 7.

de guerra seriam guardados alli, ou em algum sitio proximo, cercado de muros, como suppõe Orosio ¹, a respeito de Numancia. Mas se aquelles compartimentos, pegados ás cabanas, serviam de estabulos, a provisào de cereaes dentro d'ellas devia ser diminuta. Podia acontecer que a extensào cultural fosse relativamente grande; a rudeza, porém, dos processos obteria apenas quantidades insufficientes. Strabo ² diz que viviam do pão de glandes durante os tres quartos do anno. Estes fructos, que se conservam facilmente debaixo d'um abrigo ligeiro, proporcionariam parte da alimentação. As glandes carbonisadas que se descobriram em Briteiros, confirmam a noticia até certo ponto, e para as esmagar ou triturar, assim como os poucos cereaes, serviam os pilões toscos que se topam a cada passo nas ruinas.

O fundo da alimentação devia em todo o caso ser constituído pelos despojos dos animaes, a que accresceriam os fructos silvestres, acompanhados dos poucos cereaes que a agricultura rudimentar extrahia das planuras elevadas. Em Barroso, a principal alimentação ainda hoje é o leite e os seus derivados ³. Com menos cultura teremos na vida simples que alli se tem conservado, um simile do que se passava geralmente. O clima humido e chuvoso, produzindo abundancia de pastos, permittia a sustentação de rebanhos numerosos; d'elles se nutriam na maxima parte os homens, cujas necessidades eram demais muito limitadas.

De todos os factos, que temos colligido quer directamente quer por illação, podemos extrahir agora o esboço d'um quadro geral. Os habitantes apinhavam-se nos altos em povoações couraçadas de grossas muralhas ou em logares abertos; estavam lá as suas residencias principaes. Nas planuras dos montes, cujo contorno formava provavelmente a linha divisoria das cidades, cultivavam os cereaes que não desceriam além da meia encosta. Nos valles, cobertos de densas florestas, as nascentes não laqueadas rebentavam espontaneamente aqui e allí, e os rios não governados extravasavam-se, deixando o solo encharcado grande parte do anno. N'esse chão humido e sombrio pastoreava o gado no verão, quando passavam as chuvas

¹ Liv. v, c. vii.

² Obr. cit., liv. iii, c. iii, n.º 7.

³ Recenseam. ger. dos Gados no C. de r. de Port. em 1870.

copiosas das outras estações e quando o calor seccava as pastagens alpinas. Abandonadas as melhores terras, os homens viviam pobremente n'aquelles casebres d'um só compartimento, desprovidos de todo o conforto. Todavia, os objectos de adorno, desenterrados das ruinas, e os labores das pedras, testemunham bem, quanto desejavam embellezar a vida com os seus poucos recursos.

Dadas todas estas condições, occorre ainda uma questão final que é de suprema importancia para o nosso estudo; falta-nos saber em que regime pastoreava o gado no territorio da cidade, assim como aquelle em que se faziam as culturas cereali-feras. Conheceriam a propriedade territorial, mais ou menos parecida com a que veiu a constituir-se pelo direito romano? Sobre este ponto, como sobre tantos outros, precisamos absolutamente de informações directas. Já notamos comtudo a disposição das casas em *bairros*, que de modo nenhum podiam ser communidades com direitos iguaes, mas dominaria ahí um senhor, cercado de clientes. Appiano ¹, contando a evasão nocturna de Rhetogenes, através das apertadas linhas inimigas que sitiavam Numancia, diz que elle emprehendera o feito com «amicis quinque, totidemque *famulis*». Vê-se claramente que nas cidades havia homens que estavam ao serviço de outros; fica portanto eliminada a hypothese da igualdade, sendo pelo contrario de presumir em cada *bairro* um superior, como Rhetogenes, servido por pobres. Por outro lado havemos de vêr mais tarde, depois da romanisação, o apparecimento dos *servi*, e comtudo os romanos não costumavam escravisar as populações vencidas. Considerando pois este ultimo facto, a passagem do historiador grego, a repartição especial dos oppidos, e relembando a casa das deliberações, anteriormente referida, somos naturalmente levados a concluir pela existencia d'uma aristocracia, apoiada sobre uma classe servil ou quasi — os *famuli* dos senhores ou patrões dos bairros. A muitos d'esses clientes talvez podesse convir a phrase de Cesar a respeito dos gaulezes pobres — «*Plebs pœne servorum habetur loco*».

Fosse ou não propriedade publica (*ager publicus*) a terra das cidades, o uso effectivo estaria limitado a um pequeno numero, pois as condições, que haviam originado pobres e ri-

¹ *Obr. cit.*, l. vi, 94.

cos, teriam destruído na realidade qualquer regime colectivo da primitiva, e dispunham a sociedade a receber uma nova organização.

Na Gallia, admittem todos os historiadores, a terra estava já usurpada pelos nobres, quando chegaram os romanos. Por isso foi aceite com a maior facilidade o estabelecimento da propriedade territorial, quer o determinassem motivos fiscaes, como pensa o sr. D'Arbois de Jubainville ¹, quer existindo ella já nos costumes, a nova jurisprudencia não teve mais que constituil-a definitivamente, segundo cré Fustel de Coulanges ².

Em identica situação estariam as cidades do norte de Espanha: os servidores de Rhetogenes não nos deixam a menor hesitação sobre a existencia d'uma plebe, e portanto correlativamente a d'uma aristocracia dominante, a senhora de facto da terra, ainda que a não possuísse senão por titulo *precario*; pois sem meios superiores de fortuna não se podia sustentar, e estes n'essa época eram os gados que necessitavam de largas pastagens. Com a definição rigorosa porém da propriedade territorial — a *possessio*, empregando este termo na accepção antiga, transformou-se em *dominium*; e tal transformação contendo o retalhamento do solo em superficies precisamente demarcadas em *predios*, sob o nome mais commum de *VILLAS*, foi sem duvida um dos maiores acontecimentos da romanisação. Estabelecendo-se de vez ao mesmo tempo a paz e a segurança publica, os habitantes foram descendo vagarosamente dos altos. Então puderam fixar a residencia junto das extensões culturaes, desbravar as mattas, laquear as aguas e aproveitar a terra fertil dos valles. Aprenderam então com os especuladores, que Roma lançava sobre as regiões conquistadas, a arte da cultura systematica, os seus costumes agrarios, a sua grande jurisprudencia, a lingua e emfim toda a sua civilisação.

Guimarães — Maio, 1893.

ALBERTO SAMPAIO.

¹ *Obr. cit.*, pag. 3 e seg.

² *L'Alleu et le Domaine Rural*, pag. 31-32.